

# PRODUÇÃO DE ESTEIRAS DE *TABUA* ENTRE ASSENTADOS NO P.A. CHE GUEVARA/CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ

Priscila Tavares dos Santos<sup>1</sup>  
Rodrigo Pennutt da Cruz<sup>2</sup>

## Resumo

Neste artigo, mediante análise de uma situação empírica, tomamos como objeto uma das alternativas incorporadas pelos assentados do PA Che Guevara, para enfrentar os limites impostos por recursos naturais, tornando menos penoso o processo de assentamento em área cujo solo encontra-se altamente degradado. Os assentados se dedicam não somente às atividades agrícolas, mas também as relacionadas a outros setores produtivos. Contudo, o volume da produção agrícola só se torna significativa se eles incorporam sistema de irrigação e adubação. Alguns deles complementam o rendimento com a produção de *esteiras de tabua*, atividade que há muito vem sendo realizada por agricultores e trabalhadores da região, mesmo antes da criação do P.A.. Praticada majoritariamente pelas mulheres, a renda obtida é utilizada na complementação dos gastos da casa. O processo de colheita da *tabua no brejo* tem a participação dos homens, se representa perigo de ataque por animais; ou se há excessiva demanda por esteiras. Após a colheita, o marido faz um *amarrado* com *barbante* e, assim, a *tabua* é transportada até o espaço destinado à *secagem*, próximo à residência. Nos lotes com os canais de irrigação, construídos no período de atividade da usina açucareira para compensar a perda da produtividade da terra, a *tabua* ocupa praticamente todo o leito, facilitando a produção artesanal, mas impedindo o fluxo da água para irrigação. Valorizando as condições diversificadas que possibilitam a reprodução social de famílias de agricultores, destacamos a incorporação de atividades tradicionais, extrativismo com beneficiamento imediato, exercício de compensação diante dos males causados pelo direcionamento da modernização tecnológica com base em agroquímicos.

**Palavras-chave:** Produção de esteiras, assentamentos rurais, Campos dos Goytacazes.

---

<sup>1</sup> Mestranda do curso de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF).

Email: pris\_tavares2000@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/UFF. Aluno do curso de graduação de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense.

Email: rpennutt@yahoo.com.br

## I – Introdução

No Brasil pensar os assentamentos rurais genericamente enquanto fonte de renda para as famílias beneficiadas é, de certo modo, negar as condições de precariedade às quais esses sujeitos são submetidos. Como ressalta De Luca (2002), os assentamentos rurais estão marcados historicamente por uma luta pela viabilização econômica que assegure o sustento dessas famílias. O que se tem observado nesses espaços é que, em grande parte, nas terras abarcadas para os projetos de reforma agrária, as condições de subsistência não são as melhores possíveis (Leite et al., 2004), tanto no que se refere à qualidade do solo, disponibilidade de recursos hídricos, facilidade de acesso às redes de escoamento da produção e da existência de mercado consumidor, bem como da existência de escolas e serviços médicos. Nesses quadros, a política nacional de acesso à terra está muito aquém do sonho da conquista da terra, do lugar do trabalho e da produção.

Ainda sobre a condição penosa à qual os assentados enfrentam, Neves (2005) ressalta que o que tem marcado a política de reforma agrária no Brasil é o auto-assentamento das famílias de trabalhadores beneficiadas. Esta liberdade derivada da desatenção qualifica a reprodução social e caracteriza as atitudes dos beneficiários da reforma agrária frente aos percursos necessários à manutenção e à sobrevivência em projeto de assentamento.

A despeito da falta de investimentos e das condições ambientais adversas dos PAs localizados no norte do Estado, Pedlowski et al (2007) trazem à tona inúmeras situações onde os assentados mantêm-se na terra porque encontraram soluções alternativas de obtenção de renda.

Na região de Campos dos Goytacazes, até então marcada pela produção maciça de cana de açúcar e pela concentração da propriedade da terra em mãos de grandes produtores, o processo de redistribuição territorial vem sendo impulsionado pelos trabalhadores (sindicatos, FETAG/RJ<sup>3</sup>) e também pelos reconhecidos porta-vozes dos movimentos organizados de trabalhadores (MST). Como efeito, das 14 usinas no início da década de 1970, somente cinco delas mantiveram-se em exercício, resultando na criação de uma série de assentamentos rurais pelo Incra<sup>4</sup> (cf.: Neves, 1997), como demonstrado na tabela a seguir.

---

<sup>3</sup> Federação dos Trabalhadores da Agricultura/ Rio de Janeiro.

<sup>4</sup> Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

**Tabela 1 – Assentamentos existentes no município de Campos dos Goytacazes – RJ**

<b>PA/ CAMPOS DOS GOYTACAZES</b>	
<b>NOME DO PROJETO</b>	<b>ANO DE CRIAÇÃO</b>
Novo Horizonte	1987
Zumbi dos Palmares*	1997
Che Guevara	2000
Ilha Grande	2001
Antonio de Farias	2001
Terra Conquistada	2005
Dandara dos Palmares	2005
Santo Amaro	2005
Oziel Alves I	2006
Josué de Castro	2007

Tabela elaborada com apoio em dados colhidos junto a Superintendência Regional do INCRA, em junho de 2009.

(\*) Assentamento localizado em dois municípios: Campos dos Goytacazes e São Francisco do Itabapoana.

Destes projetos criados já no final da década de 1990, sete foram constituídos incorporando aproximadamente 301 (trezentas e uma) famílias<sup>5</sup>. Por interações politicamente imprevistas, em alguns desses assentamentos a produção de cana iria colaborar com o objetivo da política nacional de expansão da produção do etanol.

As mudanças na região campista são inegáveis, contudo poucos pesquisadores têm se dedicado ao entendimento desta questão. Acompanhar essas transformações a partir do estudo do processo de alterações espacial e social na região torna-se de extrema relevância para a compreensão do sistema de posições sociais construído pelos antigos trabalhadores das usinas. Este novo cenário é então formado a partir da extinção da posição de assalariado agrícola e da constituição da categoria agricultor autônomo pela adesão ao projeto de reforma agrária. Pensar essas mudanças em contraposição ao passado é explicitar a subordinação e, em decorrência, a autonomia vividas. Assim, os modos de percepção do passado são avaliados em relação às condições atuais em que os trabalhadores encontram-se submetidos (Neves, 1981).

Para realização deste trabalho<sup>6</sup>, tomamos como estudo de caso o assentamento Che Guevara<sup>7</sup>, criado em 31 de janeiro de 2000, (decreto publicado no Diário Oficial de

<sup>5</sup> Informação obtida junto à Superintendência Regional do INCRA no Rio de Janeiro, em junho de 2009.

<sup>6</sup> O trabalho de campo realizado na região ocorreu em dois momentos, primeiro em agosto de 2009 (doze dias) depois em fevereiro de 2010 (onze dias) totalizando vinte e três dias no campo.

<sup>7</sup> O que hoje compreende assentamento Che Guevara, até 1998 era fazenda Marrecas. E ao assentamento Ilha Grande, à antiga Fazenda Ilha Grande, também pertencente ao Complexo Agrícola Baixa Grande, com capacidade para assentar cinquenta e oito famílias.

05/10/1999), que foi constituído logo após falência da Companhia Agrícola Baixa Grande (na década de 1990), até então tradicional proprietária das terras das Fazendas Marrecas e Ilha Grande (cf. PDA: 2001, 31). Colocamos em pauta o estudo do processo de mudança considerando três momentos distintos: antes da produção da cana; durante o processo de produção desse produto e do uso do sistema de irrigação; e, por fim, no momento em que a terra, exaurida pelas intervenções técnicas, foi transferida diante da falência da usina, apesar do financiamento para obras de infra-estrutura.

Neste trabalho, procuramos compreender o processo de confecção de esteiras de *tabua* (*Typha dominguensis* Pers.) como alternativa encontrada pelos assentados do PA Che Guevara, não somente para minimizar os transtornos encontrados no lote, mas enquanto possibilidade de manutenção de uma prática que vem sendo desenvolvida pelos agricultores assentados, apesar das transformações que afetaram a região de Campos dos Goytacazes. Levando em conta as trajetórias individuais dos assentados, tomamo-nas para entender como, sob o prisma da diversidade, uma prática artesanal que embasada perpassa diferentes contextos sociais, econômicos e políticos e cuja a tradição se funde no tempo, via a assegurar meios de construção dos assentados.

O processo de produção artesanal de esteiras de *tabua* na região de Campos dos Goytacazes vem se perpetuando principalmente a partir das antigas famílias de trabalhadores da região. A *tabua* é localmente reconhecida como um *mato* uniformemente abundante nas terras pantanosas *nativas* (lagoas e brejos) e também nos *valados* e *valas*<sup>8</sup> da região. Com este recurso, mulheres e crianças *confeccionam* esteiras que são vendidas aos *atravessadores*. Estes, por sua vez, distribuem-nas por diversas redes de comercialização existentes na região do entorno (Marrecas, Bajuro, Água Preta, Barra do Açú) e também aquelas estabelecidas em outros estados (Belo Horizonte, São Paulo e Paraná).

Tal prática deixa revelar a rede de relações sociais tecidas por núcleos familiares, bem como as posições ocupadas por cada um dos membros no processo de formação do rendimento mantenedor do sustento familiar. Neste sentido, as diferenças existentes no *trabalho* do chefe (familiar) e na *ajuda* dada pela mulher e filhos mais novos perpassam o destino dado ao dinheiro recebido com a venda do produto.

---

<sup>8</sup> O *valado* é parte de um sistema de captação de água construído pelos administradores da usina. Representa uma vala de nível abaixo do solo por onde a água desviada dos canais do Colégio, São Bento e Andresa chegavam até às fazendas. As *valas* são de menores proporções, mas destinam-se à mesma atividade.

A divisão de tarefas segundo relações de gênero na unidade familiar tal como também é analisada por Neves (1981) ao considerar os vizinhos produtores de cana, referência às mulheres as atividades desenvolvidas junto ao *terreno* ou ao *quintal*; enquanto que aos homens, cabe o preparo da terra e dos espaços mais afastados da residência.

Para elaborar esta análise, valemo-nos das seguintes ferramentas de investigação: entrevistas, conversas informais, caminhadas e outras formas que nos permitiram vivenciar as etapas de produção de esteiras.

Diante disso, nosso investimento no estudo do processo de realização desta atividade prática pelos assentados para incorporar produtivamente área degradada e carente de recursos é no sentido de reconhecer que a região é palco de apostas e de investimentos frente a constrangimentos, mas também a circunstâncias que limitam o investimento nessas alternativas. Indiretamente, esperamos oferecer uma contribuição para uma reflexão menos preconcebida no campo de debate sobre reforma agrária.

## **II – Estudo de caso: o assentamento Che Guevara**

Geograficamente situado pelas coordenadas de 21°45'23”S e 41°19'40”W, encontra-se distribuído por uma vasta planície de clima tropical quente e úmido, tendo por estação chuvosa os meses de verão. Os meses de janeiro a março são aqueles nos quais se registram as maiores temperaturas anuais, em contraposição aos meses de junho e julho, mais frios. As maiores taxas pluviométricas são as iniciadas em novembro, estendendo-se até janeiro, enquanto o período de maior estiagem é o observado no mês de agosto.

O assentamento tem como principal fonte hidrográfica a Bacia do Paraíba do Sul, que atravessa horizontalmente o município de Campos, mas que também representa uma fonte de recursos tanto pesqueiros quanto energéticos e turísticos. Segundo informações levantadas pela Fundação Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social - Fiderj (1978), o lençol freático é de fácil captação devido à sua pouca profundidade.

O relevo predominantemente plano é cortado pelo Canal do São Bento e pelo Canal do Colégio - atualmente assoreados e tomados pela vegetação - e outros tantos

*valados* e *valas*<sup>9</sup>, estas últimas construídos no período de tentativa de implementação do Projeto de Irrigação do Norte Fluminense (Projir), que visava aumentar a produtividade da lavoura canavieira mediante amplo sistema técnico de irrigação.

A produção agrícola no decorrer do tempo de gestão da usina fundava-se no cultivo da cana-de-açúcar, mas era complementada por cultura temporária, voltada para o atendimento das necessidades de trabalhadores e girava em torno dos seguintes produtos: milho, feijão, arroz, mandioca, aipim, abóbora, olerícolas (quiabo, batata doce, alface, milho verde, maxixe, melão, pimenta, tomate, inhame, melancia e brócolis) e pomares frutícolas (banana, café, coco verde, laranja, abacaxi, caju, goiaba, maracujá, manga, acerola, carambola, mamão, pinha e graviola). Concomitantemente, a pecuária voltava-se à produção de carne e seus derivados para consumo e venda, tanto de bovinos quanto de galináceos, suínos, equinos, ovinos, muares, caprinos, codornas, coelhos, bubalinos e asininos. O pescado compreendia basicamente o camarão branco, a corvina e a sardinha.

O diagnóstico dos solos da região do assentamento é inexistente e os dados divulgados no PDA encontram-se fundados em levantamentos realizados em 1982 pela Sondotécnica, elaborados para atender aos objetivos dos projetos de irrigação e drenagem postos em prática no período de máxima produção da lavoura canavieira. Sinaliza um solo aluvial, de areia quartzosas e hidromórficas, com fortes limitações devido à sua pouca fertilidade, sendo possível encontrar solos alagadiços nas regiões de várzeas e de solos mais baixos, bem como solos com alto teor de sal. Atualmente, como informaram os agricultores, o solo que cobre praticamente toda área do assentamento é de textura arenosa, o que facilita o escoamento da água e impede que o solo seja aproveitado em sua totalidade. Essa condição não deixa que a água da chuva seja retida em um nível mais profundo do solo, aspecto este, do ponto de vista desses agentes, fundamental para que a planta se fixe e cresça com *força*. Além disso, informam eles que o solo é *salitrado* (com muito salitre) e apenas nas manchas de solo que apresentam menor teor desse componente é possível a obtenção de algum recurso com valor no mercado ou até mesmo para subsistência.

Conforme informações obtidas mediante a realização de uma caminhada pelos lotes em companhia de um dos agricultores assentados, percebemos que muitos dos

---

<sup>9</sup> O *valado* é parte de um sistema de captação de água construído pelos administradores da usina. Representa uma vala de nível abaixo do solo por onde a água desviada dos canais do Colégio, São Bento e Andresa chegavam até às fazendas. As *valas* são de menores proporções, mas destinam-se à mesma atividade.

beneficiários do assentamento enfrentam situação de precariedade, devido às dificuldades encontradas com o plantio e à falta de recurso financeiro para investir em maquinário necessário à irrigação do solo.

A fauna, segundo o PDA do assentamento, com o período intenso de queimadas para plantio da cana e ainda com a devastação das matas ciliares, passou a ser representada por alguns exemplares de preás, pacas, tatus, cobras e lontras. Do mesmo modo, a cobertura vegetal que se alastrava pelos vastos campos cedeu lugar a uma pastagem pobre de capim patorá e o fura-chão, por exemplo.

A área de preservação permanente corresponde a 6,7% da área total do assentamento, e está situada às margens dos canais de São Bento e do rio Colégio. A área de Reserva Legal, de 1.244,74 hectares, abarca uma região alagadiça com vegetação nativa. Ambas foram alvo de intenso processo de destruição, o que resultou num processo de assoreamento dos leitos dos canais e de eliminação de matas ciliares em quase toda extensão desses condutores hídricos.

Os canais de irrigação mostravam-se, na maior parte dos lotes visitados, secos e/ou assoreados ou ainda, em alguns casos, tomados pela *tabua* e utilizados para a plantação de bananeiras. Em relação a este aspecto, um dos assentados no PA Che Guevara, em situação de entrevista, mostrou como é possível caminhar sobre o leito do rio quando tomado por este recurso. Afirmou ele que o fato de as *tabuas* tomarem este espaço é o motivo pelo qual “o rio não *rompe* a água pelas valas que construiu com sua draga”. Em outra situação de pesquisa, uma entrevistada fala da facilidade de acesso a este recurso, quando localizado nos *valados* existentes nas proximidades dos lotes.

Os produtos cultivados nos lotes, no momento da pesquisa, como ressaltavam os produtores, jamais alcançaram índices tão baixos de produtividade, inclusive para a cana de açúcar (cultivo em diminuição no município desde a falência de diversas usinas).

Driblando as adversidades das condições ambientais (de solo e disponibilidade de água), os agricultores demonstram ainda o cultivo de uma variedade crescente de produtos, mas alternativa diferenciada conforme o tempo de permanência no assentamento. Do mesmo modo, aqueles que estão estabelecidos por mais tempo no lote, possuem maior número de variedade e quantidade de cabeças de gado. Além das formas já citadas de consolidação no P.A., outra também importante, mas existente antes mesmo de sua criação, consiste nas atividades realizadas com a *tabua*, atividade doravante considerada.

### III – Produção de *esteiras*: compensação dos males da modernização

Para o *artesanato* das *esteiras* é necessário conhecer bem a *tabua* e a diferenciação entre os dois tipos localmente reconhecidos: a *tabua vermelha* e a *tabua branca*. Segundo afirmaram os entrevistados, o bom conhecedor retira apenas a *tabua vermelha* porque esta é mais macia, *boa* e, por isso, seu manuseio é mais fácil. Mas a variedade *branca* a supera em quantidade nos brejos e alagados existentes no assentamento, contudo *a palha é lisa, ruim, fraca e não serve para fazer esteira*.

A prática de colheita da *tabua* é, segundo os assentados, uma atividade de risco e penosa. Como afirmaram em situação de entrevista, nos espaços onde esse *mato* é encontrado também podem ser vistos muitas cobras e jacarés; mesmo a lama é mencionada como um empecilho ao extrativismo. Entretanto, nenhum dos nossos entrevistados soube relatar casos de ataque desses animais aos coletores ou mesmo incidentes com ferimentos leves.

“O melhor horário pra sair de casa e pegar a *tabua* é pela manhã. Bem cedo, antes do sol nascer... Bem cedinho. Pode sair umas seis horas e vai para lá tirar. Mas é melhor sair umas cinco e meia, porque a *caminha* dentro da *tabua* é mito quente. É mata fechada e abafa muito a gente. Até mesmo para uma pessoa ir sozinha é difícil, porque se passar mal lá dentro pode até morrer... Tem muito bicho: tem cobra, tem jacaré.” (H., assentada PA Che Guevara, lote 31, entrevistada em fev. 2010)

A *esteira* de *tabua* é objeto de múltiplas aplicações, tanto na perspectiva daqueles que estão diretamente envolvidos no processo de produção, quanto daqueles indiretamente beneficiados. As *esteiras* serviam, de proteção das cargas transportadas por caminhões, como sela no dorso de burros e cavalos, como cama e telhado das construções, por exemplo. Sobre este último aspecto, uma entrevistada, residente no assentamento desde o “tempo do acampamento” (condição esta valorizada pela maioria dos assentados que enfrentaram as dificuldades para acesso à terra) afirma uma dessas possibilidades de utilização do produto:

“Nós estamos aqui desde as barracas. Chegamos, ui, igual a um mendigo! Nós dormíamos em barraca de *esteira*. A parede de *esteira*, fazia a cama de pau e dormia ali. Essa *esteira* que o pessoal... Todo mundo aqui fazia *esteira*. A gente comprava para montar o acampamento porque não tinha jeito. A gente comprava... era um realzinho e fazia parede de *esteira*, fazia teto. Botava um plástico quando estava chovendo para não molhar muito dentro do



barraco. Igual quando era criança que brincava de casinha.” (N., assentada PA Che Guevara, lote 37, entrevistada em fev. 2010)

Ainda nesta mesma perspectiva, uma entrevistada fala da facilidade atual do acesso à *tabua*. Esta condição só é possível porque com a falência das usinas, o sistema de irrigação foi desativado por falta de investimentos e pela precariedade das condições financeiras dos assentados em manterem em funcionamento as *bombas de irrigação*. Assim, com o passar dos anos, os canais vêm paulatinamente enfrentando processos de assoreamento e, com isso, criando condições para o estabelecimento das *tabuas* nas proximidades dos lotes. Afirma:

“Naquela época era mais difícil encontrar *tabua* do que hoje. Hoje é mais fácil, porque todo lugar tem *tabua*. O senhor vai para lá, para o lado de lá da ponte.... Se o senhor olhar, tem *tabua*. Tem aos montes lá que o povo tirava. Ali na frente mesmo tem um bocado tirado para o caminhão apanhar...” (S., assentada PA Che Guevara, lote 31, entrevistada em fev. 2010)

#### a) Etapas do processo de confecção de *esteiras*

O processo de realização das *esteiras de tabua* (Figura 1) pode ser integrado por todo o núcleo familiar. O primeiro momento consiste na colheita do capim (*tabua*) que, em alguns casos, os homens se dirigem até os reservatórios e cortam as folhas da *tabua* com o auxílio de uma faca ou facão (instrumento também utilizado pelos assentados no corte de cana) e a transportam para o *terreiro* das casas em *amarrados*.

O transporte dos *amarrados de tabua* das áreas alagadas até o *terreiro* da casa pode ser feito com auxílio de carroça puxada por burro e ainda com trator, motocicleta ou caminhão de pequeno porte. (Figura 2) As famílias, desprovidas de tais ferramentas, em alguns casos, alugam por preço variado, aluguel que pode chegar a vinte reais por viagem. Assim, a cada colheita, a família gastaria quarenta reais só nesta fase do processo produtivo, valor este que não é repassado no momento da venda. Com cada *amarrado* deste pode-se chegar a fazer até 3 *esteiras*.

**Figura 1 – Tabua (*Typha dominguensis* Pers.) em área pantanosa do PA Che Guevara (Capão Redondo)**



Foto: Priscila T. dos Santos. Fevereiro de 2010.

**Figura 2 – Amarrado de tabua transportado por mini-trator, PA Che Guevara**



Foto: Priscila T. dos Santos. Fevereiro de 2010.

Após esta etapa, a *tabua* é posta de modo espalhado, pelas mulheres ou crianças, no *terreiro* ou *quintal* para secar durante um período estimado de quinze dias corridos, visto que depende das condições climáticas locais (intensidade do sol). (Figura 3) Quando a *tabua* está totalmente seca, segue-se o preparo da *imbira* (ou *embira*)<sup>10</sup> que é um *cipó* feito do *miolinho da própria tabua*, neste caso, ainda não totalmente seca, mas um pouco verde para evitar que arrebente no momento da amarração da *palha* de *tabua* que compõe a esteira. É feita batendo-se bem a *tabua* ainda verde com o auxílio de um pau de eucalipto. Este não pode ser muito velho porque perde sua resistência, partindo-se durante o processo de *socar*.

Os feixes já secos de *tabua* são distribuídos no *tear* pelos *cambitos* – marcações espaçadas feitas em um pedaço de pau de eucalipto - num total de doze<sup>11</sup> - e trançados. O *tear* é um tronco de eucalipto que serve como base para a confecção da esteira.

**Figura 3 - Assentada no preparo de esteira de *tabua*. Em detalhe, no alto, *imbira* amarrada nos *cambitos*, PA Che Guevara (lote 26)**



Foto: Rodrigo P. Cruz. Fevereiro de 2010.

Após o preparo das *esteiras*, estas são estocadas. Em alguns casos, quando armazenadas em um cômodo dentro da própria casa, é para evitar não serem atacadas

---

<sup>10</sup> Além da *imbira* também podem ser utilizados o barbante e o cordão de plástico (de cor azul ou verde,) vendidos em lojas de materiais agrícolas. Neste caso, a escolha da primeira opção confere um valor de comercialização mais elevado ao produto final.

<sup>11</sup> Este número pode variar, de acordo com o tamanho desejado da esteira.

por formigas; em outros, dentro de galpões fora do espaço da residência, se representam a possibilidade de estabelecimento de ninho de cobras no meio do estoque. (Figura 4)

**Figura 4 – Esteiras de *tabua* estocadas em galpão de armazenamento, PA Che Guevara**



Fotos: Rodrigo P. Cruz. Fevereiro de 2010.

#### b) Divisão de papéis na confecção das *esteiras*

Devido à periculosidade expressada pelas condições de realização do trabalho, geralmente é realizado pelos homens; contudo, dadas a situação de ausência e a impossibilidade de ajuda pelos maridos, restam às mulheres realizarem-nas, sozinhas ou ainda mediante ajuda dos filhos mais jovens. (Figura 5)

Sobre este aspecto, uma jovem assentada, conta que, ainda criança e juntamente com seu irmão também pequeno, aprendeu a atividade com sua mãe, acompanhando-a desde o momento da colheita da *tabua* no brejo.

“Eu aprendi com minha mãe. Quando a minha mãe estava *coisa*, a gente ajudava. No caso, a *tabua* quem pegava era o meu pai e minha mãe. Eles levavam a gente, mas a gente era muito pequena. Tinha que atravessar rio... e eu era pequenininha. Eles botavam a gente aqui (no ombro) cada um em um... eu e meu irmão... e atravessava o rio.” (J., assentada PA Che Guevara, lote 40, entrevistada em fev. 2010)

Nessa etapa, o papel do homem no preparo das esteiras é marcado pela ambigüidade, visto que, a princípio, é uma atividade quase que exclusivamente feminina e infantil. Contudo, passa pelo apoio do homem no momento da colheita nos terrenos

alagados. Após o período de falência das usinas, os homens cuidavam do corte e dedicavam-se a outras etapas do preparo da esteira, dividindo a atividade com a esposa e os filhos.

**Figura 5 – Assentado após o transporte dos *amarrados de tabua* para o *terreiro*, com facão utilizado no corte, PA Che Guevara (lote 41)**



Foto: Priscila T. dos Santos. Fevereiro de 2010.

Ao se referir “tempo de antigamente”, uma entrevistada felete sobre o papel dos homens, ao descrever a atividade tradicionalmente realizada pela família, tal como transcrito a seguir:

“Na minha família trabalhavam com esteira. Todo mundo, todo mundo. Os homens antigamente também faziam esteira, pegavam caminhão de tabua pra vender... Foi assim quando eu comecei. Para fazer uma esteira era assim: primeiro, você vai lá no brejo, porque ela dá dentro da lama, onde pisa o pé e vai embora. Corta ela, põe no caminhão e trás pra casa. Chega em casa, abre folha por folha e espalha ela e põe pra secar. Depois que tiver seca, você junta ela. Aí você pega uma ainda verde e bate para formar o cordão que trança ela (embira). Aí você corta uma madeira fina para fazer o cambito... São doze, né: um do lado do outro para jogar. E torce a embira e coloca. É meio difícil de explicar...”. (H., assentada PA Che Guevara, lote 31, entrevistada em fev. 2010)

Na região do entorno, o que se observa é que a confecção de esteiras é prática predominante feminina, principalmente durante as atividades do Complexo Agrícola.

Os chefes dos núcleos familiares e seus filhos mais novos saíam para o trabalho nas lavouras de cana e os demais membros dedicavam-se a realização de tal exercício. Porém, naqueles locais mais afastados das usinas, esta atividade era primariamente exercida pelos homens, inclusive constituindo-se em fonte de renda da família.

c) Os *atravessadores* e a comercialização das *esteiras*

Já com o estoque assegurado, os trabalhadores aguardam a chegada do *atravessador* para comprá-las. O preço pago, no momento da pesquisa, girava em torno de um real e setenta centavos a unidade. Em geral, todo estoque é quinzenalmente esvaziado pelo *atravessador*. Neste momento, o comprador busca as esteiras com um carro dotado de carroceria, fazendo o pagamento à vista do valor correspondente ao total das esteiras produzidas no lote. (Figura 6) Conforme informações obtidas durante as entrevistas, não há casos de encomendas; o estoque é arrematado em sua totalidade e, algumas vezes, podendo ultrapassar uma centena.

**Figura 6 – Esteira de tabua a ser entregue ao *atravessador* para comercialização, PA Che Guevara**



Foto: Priscila T. dos Santos. Fevereiro de 2010.

O tempo estimado gasto para a fabricação de uma esteira varia de 12 a 40 minutos, de acordo com a agilidade adquirida com os anos dedicados à atividade e também com os *palmos* de largura. Chega-se a produzir até 10 esteiras diariamente. De acordo com F. (assentada e moradora no lote 41) e H. (assentada e moradora no lote 31), ambas reconhecendo ter aprendido a atividade com seus avós e pais quando ainda crianças, afirmam existir uma padronização das proporções métricas das esteiras produzidas para comercialização: 8 palmos de largura e 1 metro de comprimento (2,00 x 1,00 m).

O trecho abaixo transcrito ilustra o ponto de vista de um *atravessador* de esteiras na região do entorno do assentamento:

“O tamanho da esteira varia. A esteira é 1,80m com seis costuras. Tem uma de dez costuras, que é um 1,80m de altura x 1,50m de comprimento. São os clientes que pedem a metragem. Mas essas eram para uso doméstico. Para transporte era 0,40m x 1,00m ... a das empresas do transporte. A esteira é fina era para transporte. A esteira mais grossa, para uso doméstico. A diferença de preço é que a mais grossa era mais cara.” (N., antigo atravessador, residente em Marrecas, entrevistado em fev. 2010)

Toda renda obtida com a venda das esteiras é revertida para consumo interno da família, mediante compras necessárias ao dia-a-dia. Entretanto, esta é uma fonte de renda complementar, caracterizando-se como *ajuda* em situações de despesas emergenciais e mais imediatas. Em média, cada família que produz esteiras, vendendo por um real e setenta centavos cada, no fim do mês, descontando o transporte, pode ganhar cerca de quinhentos e vinte reais. O que, de certa forma, representa um valor significativo para a renda familiar.

Este cálculo faz parte das práticas relacionadas ao campesinato, não como algo percebido pela presença de uma possível racionalidade econômica capitalista, mas uma lógica onde as estratégias de reprodução familiar não passam exclusivamente pela ótica produtiva como valor de ganho (Leite et. al, 2004), mas sim com a presença de mão de obra do chefe do núcleo familiar (marido), principal responsável pelas decisões tomadas para o andamento da produção da família, divisão consagrada por Chayanov (1981).

Tomar o processo de produção de esteiras de *tabua* como objeto de análise, pode ser considerado de extrema relevância para compreensão das transformações ocorridas na região nos últimos anos. Apesar de estas terem marcado rupturas sociais (falências

das usinas, criações de assentamentos rurais...), a prática de *confeção* dessas esteiras continua presente na obtenção de renda para manutenção do núcleo familiar. Evidentemente algumas mudanças ocorreram, como a entrada maciça da figura masculina no preparo do artesanato, não mais se limitando apenas à colheita da *tabua*, mas em alguns momentos, principalmente no período que antecede à criação do assentamento (momento crítico, onde não havia mercado de trabalho para estes) confeccionando-as junto com toda a família. Mesmo após a consolidação da reforma agrária, a prática continua presente bem como sua função nos rendimentos internos: *ajuda na casa*. Ajuda esta não considerada como principal e sim secundária, mesmo quando ultrapassa os rendimentos obtidos pelo chefe do núcleo.

### **Referências bibliográficas**

BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira. A realidade dos assentamentos rurais por detrás dos números. **Estudos Avançados**, n. 11, v. 31, p. 37-49, 1997.

CHAYANOV, Alexander. **Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas**. São Paulo, Brasiliense, 1981.

LEITE, Sérgio; HEREDIA, Beatriz (et. al). **Impactos dos assentamentos: um estudo sobre o meio rural brasileiro**. Brasília: NEAD; São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

DE LUCA, Mônica Maria Barbosa Leiva. Histórias de identidades num assentamento rural. **ETD**, Campinas, v. 4, n. 1, p.10-31, dez. 2002.

NEVES, Delma Pessanha. **Lavradores e Pequenos Produtores de Cana. Estudo das formas de subordinação dos pequenos produtores agrícolas ao capital**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

----- **Reforma Agrária em Migalhas**. Niterói: EDUFF, 1997.

----- Reforma agrária esforçada. In: **Simpósio Impasses e Dilemas da Política de Assentamentos - balanço de 20 anos**. São Paulo. Simpósio Impasses e Dilemas da Política de Assentamentos - balanço de 20 anos. São Paulo: UNIARA, 2005.

PEDLOWSKI, Marcos Antonio Pedlowski et al. Os Limites da Reforma Agrária Desassistida na Região Norte do Estado do Rio de Janeiro: Entre o Descaso do Estado e a Resistência dos Assentados. **XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**. Recife: UFPE, 2007.

SAUER, Sérgio. O significado dos assentamentos de reforma agrária no Brasil. In: SPAROVEK, Gerd. e FRANÇA, Caio Galvão de (Coords.). **Assentamentos em Debate**. Brasília: Nead, 2005: 57-74.



SPAROVEK, Gerd. e FRANÇA, Caio Galvão de (Coords.). A Qualidade dos Assentamentos da Reforma Agrária Brasileira. In: **Assentamentos em Debate**. Brasília: Nead, 2005: 10-38.